

# LÚCIA E VALMIR: A LIDERANÇA DAS MULHERES DE BENEFÍCIO COMO INSPIRAÇÃO

Esperança, Paraíba  
Outubro de 2021

Foto: Flávio Costa @flavioocosta

**LÚCIA E VALMIR SE CASARAM** em 2008. O início da vida do casal foi difícil: moravam em uma casa pequena, plantavam e criavam nas terras do pai de Valmir, sem autonomia para promoverem investimentos na terra. Para garantirem uma renda mínima, Lúcia vendia produtos como perfumes e bijutérias e Valmir trabalhava na extração de pedras na comunidade.

Lúcia chegou a trabalhar durante um mês como doula, que acompanha as grávidas durante a gestação e o parto, em Itapipoca, no Ceará. Valmir trabalhou em João Pessoa como servente de pedreiro. Nesse período, a família conseguiu comprar um carro.

Em 2011, Lúcia se associou ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Esperança.

A primeira filha, Maria Clara, nasceu em 2013. Lúcia teve assistência médico-hospitalar no posto de saúde na comunidade próxima de Massabiele. Ela conta que neste ano tudo começou a mudar na vida do casal: “Foi a partir do nascimento de Maria Clara que tudo melhorou, ela veio para iluminar e trazer luz. Foi por causa dela que conseguimos nossa terra própria!”

Realização



Financiadores



Ainda em 2013, começaram a construir uma casa, para a qual se mudaram no fim de 2014 e lá residem até hoje. Em 2014, com recursos do salário-maternidade e com a venda de uma moto, o casal comprou 1,3 hectare (ha) da terra que pertencia ao pai e ao tio de Valmir, onde já trabalhavam em regime de parceria.

Em 2018, acessaram a escritura da terra pelo programa de regularização fundiária do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Embora Valmir não tenha parado de trabalhar como pedreiro, a conquista da terra própria possibilitou que ele e Lúcia comessem a plantar feijão carioca e a criar ovinos, bovinos e aves para o próprio consumo.

Lúcia e Valmir tinham acesso a tanques de pedra de uso comunitário, inclusive à “loca”, um tanque grande na propriedade do sogro de Lúcia. Mas eles desejavam ter água própria perto de casa. Por isso, recorreram ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e construíram em 2016 sua primeira cisterna de 16.000 litros. O financiamento foi quitado dois anos depois. Na seca recente, a cisterna foi abastecida pelo exército via Operação Pipa do governo federal.

Além da construção da cisterna, o ano de 2016 também foi marcado pelo engajamento de Lúcia com o movimento social da comunidade e do território. Foi quando ela teve contato com o Banco de Sementes Comunitário e passou a conhecer novas variedades de sementes, selecionando aquelas a serem cultivadas no roçado familiar.

O banco de sementes da comunidade foi apoiado pelo Programa Sementes do Semiárido da ASA Brasil, executado por organizações da sociedade civil com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Ana Luiza, a segunda filha do casal, nasceu em 2018. Lúcia destaca que é difícil ter que sair e deixar suas filhas com outra pessoa, mas tem encontrado meios de vencer essa dificuldade.

Ainda no ano de 2018, realizou seu sonho de conquistar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), com recursos obtidos por Valmir em uma empreitada. Ela relata que começou a dirigir desde quando se casou, pois percebeu que não podia ficar dependendo do esposo, que estava sempre trabalhando.

No ano seguinte, Lúcia participou pela primeira vez da Marcha Pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, que estava em sua 10ª edição. O evento aconteceu no município de Remígio e a agricultora se envolveu ativamente no processo preparatório em sua comunidade.

Foi a partir dessa experiência que Lúcia começou a se dedicar com mais vigor ao desenvolvimento de seu território e de sua comunidade na perspectiva da agroecologia. Tornou-se vice-presidente da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Benefício, sócia e guardiã do Banco de Sementes Comunitário, e se engajou nas atividades promovidas pelo STTR de Esperança e pelo Polo da Borborema, com destaque para as comissões de saúde e alimentação e sementes.



Também passou a servir na capela da comunidade como catequista infantil, coordenadora da Crisma e do Terço das Mulheres. “A partir do momento em que me envolvi na Associação e na Marcha, foi quando comecei a dar valor à agricultura e tive mais conhecimento. O depoimento das mulheres mudou a minha vida, porque sou muito sentimental, com tudo eu choro”, destaca Lúcia.

Ela fala com bastante entusiasmo da confraternização das mulheres que passou a organizar na comunidade de Benefício desde dezembro de 2019, no período de Natal. É notável a presença de mulheres como lideranças na comunidade, a exemplo de Ritinha e Ligória, que são inspiração para Lúcia.

Nesse mesmo ano, a família acessou o segundo financiamento do Pronaf e resolveu fazer outros investimentos para ampliar as infraestruturas. Construíram cercas na propriedade, outra cisterna de 16.000 litros e um galpão de armazenamento da colheita. O financiamento foi quitado em 2020. O recurso do salário-maternidade, recebido depois do nascimento de Ana Luiza, foi investido em uma moto.

Ainda em 2019, Lúcia participou do Fundo Rotativo Solidário (FRS) de telas, com um grupo formado por 10 pessoas da comunidade. Sua ideia era investir num cercado telado para a criação de galinhas. No ano seguinte, a família foi contemplada com um rolo de tela do FRS e começou a estruturar o galinheiro.



Fotos: Flávio Costa @flavio/costa



Em 2020, com a pandemia de COVID-19, um dos grandes desafios foram as aulas remotas das filhas. Lúcia relata que no início se sentiu muito sufocada, porque Maria Clara teve dificuldade de se envolver nas atividades virtuais. Foi quando ela passou a dedicar mais tempo para auxiliar sua filha e percebeu um grande avanço no aprendizado.

“A professora faz chamada de vídeo e, de 15 em 15 dias, vêm as tarefas impressas. Afora, Ana Luiza está querendo fazer as tarefas.” Em casa, as filhas brincam no balanço na árvore que fica na frente da casa, interagem com os animais de estimação e assistem a desenhos na televisão e no celular.

Em 2021, a família passou a participar de ações comunitárias promovidas pelo projeto INNOVA-AF. Lúcia teve um papel protagonista na organização dos fundos solidários da comunidade.

Integrando-se ao FRS, foi contemplada com um fogão ecológico que melhorou os ganhos da família. Foi também contemplada com o FRS de palma resistente à cochonilha do carmim, responsabilizando-se por doar novas raquetes no próximo período chuvoso. Além disso, recebeu mudas de usos múltiplos para diversificar sua propriedade.

Outras inovações comunitárias foram proporcionadas pelo projeto INNOVA-AF, como o incentivo à produção de silagem por meio da gestão de uma máquina motoensiladeira, uma bomba para recarga de água e o aumento da eficiência do armazenamento das águas das chuvas. Além disso, com o apoio desse projeto, o grupo de mulheres de Benefício organizou uma minifábrica de farinha que vem empolgando toda a comunidade.

Em outubro de 2021, nasceu Ana Vitória, terceira filha do casal ■



Foto: Flávio Costa @flavio/costa

Este Boletim foi elaborado no âmbito do Projeto Borborema Agroecológica, uma iniciativa do projeto INNOVA-AF, que busca fortalecer as capacidades das famílias por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas. Implementado durante os anos de 2018-2021 em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.